

O *Jornal dos Sports* como porta-voz: imprensa esportiva e a construção do Estádio Municipal no Rio de Janeiro (1947-1950)

Jornal dos Sports as spokesperson: sports press and the construction of public stadium in Rio de Janeiro (1947-1950)

¹ Rafael Willian Clemente  

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) - PPGCS

Resumo

Este artigo objetiva apontar a atuação da imprensa esportiva, representada pelo *Jornal dos Sports*, principal periódico especializado à época, na construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro. Partimos da hipótese que tal aparelho esportivo só veio a ser construído, no curto espaço de tempo, devido à atuação do jornalista Mario Rodrigues Filho por sua comunicação com a sociedade civil e política, a partir de seu jornal. Analisamos 40 edições publicadas entre 1947 e 1950, período que compreende o surgimento dos primeiros debates sobre a construção de um novo estádio na cidade, repercutidos na imprensa até às vésperas da Copa do Mundo de Futebol de 1950, ano da sua inauguração. Após a análise das matérias, digitalizadas e impressas de capas e seções internas do jornal, conclui-se que a posição do *Jornal dos Sports* foi decisiva para construção do estádio, mas não se encerrou nesse objetivo. Colaborou tanto na propagação de uma identidade nacional-popular no campo da cultura, quanto no desenvolvimentismo econômico, ao alinhar no discurso jornalístico, o gigantismo do estádio à grandiosidade da pátria que conseguiu um feito histórico num curto espaço de tempo. O resultado, para além do maior estádio do mundo e a contribuição na conjuntura socioeconômica do país, foi também a consolidação de Mario Filho, uma das lideranças do jornal, como um inventor das tradições esportivas no Rio de Janeiro.

Palavras-chave:

Futebol; *Jornal dos Sports*; Maracanã; Mario Filho; Imprensa esportiva.

Abstract

This article describes the role of the sports press, represented by *Jornal dos Sports*, the main specialized periodical at the time, in the building of Municipal Stadium in the city of Rio de Janeiro. We start from the hypothesis that such a sports apparatus was only built, in a short space of time, due to the work of journalist Mario Rodrigues Filho in his communication with civil and political society, through his newspaper. We analyzed 40 editions published between 1947 and 1950. A period that included the emergence of the first debates about the construction of a new stadium in the city, reflected in the press, until the eve of the 1950 Football World Cup, the year of its debut. After analyzing the scanned and printed materials, covers and internal statements of the newspaper, it is concluded that the position of *Jornal dos Sports* was decisive for the construction of the stadium, but did not end with this objective. It collaborated both in the propagation of a national-popular identity in the field of culture, and in economic development, by aligning in journalistic discourse the gigantism of the stadium with the grandeur of the homeland, which achieved a historic feat in a short space of time. The result, in addition to the largest stadium in the world and the contribution to the country's socioeconomic situation, was also the consolidation of Mario Filho, one of the newspaper's leaders, as an inventor of sporting traditions in Rio de Janeiro.

Keywords:

Soccer; *Jornal dos Sports*; Maracanã; Mario Filho; Sports Press.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende demonstrar a atuação do *Jornal dos Sports* (JS), “o mais antigo, mais completo e de maior circulação da América do Sul”², na construção do Estádio Municipal no Rio de Janeiro. Foi sob a administração executiva da família Rodrigues (1936-1976) que o periódico despontou e logrou êxito na história do jornalismo impresso, principalmente quando Mario Rodrigues Filho esteve a sua frente. Justamente nesse intervalo temporal, surge o debate sobre a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, sobre o qual o periódico exerceu efusiva atuação. Partimos da hipótese que tal aparelho esportivo só veio a ser construído, em curto espaço de tempo com um projeto arquitetônico gigantesco, devido à atuação do jornalista Mario Filho, possuidor de um veículo de imprensa e dotado da virtude do carisma legítimo (Weber, 1991, p.175). Com isso, sua comunicação e influência convergiram para sua livre circulação nos nichos culturais da sociedade civil e também nas esferas do poder político.

1.1 Um olhar teórico sobre Mario Rodrigues Filho

Sendo personagem central neste trabalho, compreendemos a figura de Mario Filho a partir das conceituações de Antonio Gramsci (1979) e Eric Hobsbawm (1997)³, além do já citado Weber (1991). Numa perspectiva gramsciana, na qual as produções econômicas e sociais desaguam também em elaborações no campo da cultura, Mario Filho amalgamou em si o papel do empresário – proprietário de um veículo de comunicação – e do “organizador de massa de homens” (1979, p.4), se utilizando do próprio jornal, na ação dupla de diretor-colunista, para enfatizar narrativas, discursos e legitimar tipos de comportamento social, massivo e individual, como uma forma de agir dentro de uma conjuntura simbólica e concreta, no caso, o esporte e o jornalismo esportivo. Mario Filho assume a atuação do *Jornal dos Sports* em defesa da construção de um novo estádio na cidade do Rio de Janeiro, uma posição autoritária disfarçada. Ao se utilizar do discurso da “modernização” nas matérias do JS para convencer a população e mesmo alguns membros da classe política da cidade, colocando-os como *atrasados* e *antinacionalistas*, os seus contrários, vai aos poucos ganhando “reconhecimento” e se legitimando por seu carisma (Weber, 1991). Seu espólio memorialístico tende a derivar dessas interpretações, quando sua obra e sua própria figura ainda hoje são citadas.

2 METODOLOGIA

Para avaliar nossa hipótese, nos debruçamos sobre o material produzido pelo *Jornal dos Sports* (JS)⁴ – nossa fonte e principal jornal esportivo da época –, que diretamente referenciava a construção do estádio. De modo flagrante, a menção ao jornal se encontrava quase sempre evidente logo na capa da edição, repercutindo em uma matéria secundária no miolo do periódico – também por nós analisada. Processamos quarenta edições do periódico, entre arquivos digitalizados e impressos – catorze obras. A fim de objetivar como as narrativas do jornal se comportavam em termos do discurso político, econômico e social no apoio à causa do estádio municipal, analisamos os textos e também as imagens produzidas pelo jornal. Charges e fotografias foram as principais ferramentas visuais utilizadas pelo JS, para afirmar sua posição a favor do tema. Aquelas matérias que nos chamavam mais atenção pela ênfase no apoio à obra, as campanhas de promoção e vendas de espaços do estádio, a crítica a adversários e discursos contrários ganharam destaque em nossa leitura e, logo, aparecem aqui. As subnotas ou matérias que apenas repetiam um tema já tratado foram consultadas,

2 Com algumas variações este era o slogan auto descritivo, impresso na capa junto ao nome do jornal.

3 Hobsbawm (1997) fala de personas e também instituições que são capazes de movimentar no tempo, como se fosse um objeto, uma determinada crença, que se não existente, torna a existir a partir de fatos historicamente constituídos. Sendo assim, “parecem ou não consideradas antigas [mas] são bastante recentes, quando não inventadas”.

4 Nossos agradecimentos ao acervo da Biblioteca Nacional, que conta com a maior parte dos arquivos do *Jornal dos Sports* (1931-2009) também digitalizados.

mas suprimidas. Por fim, o recorte temporal de 1947 a 1950 se justifica por ser o início dos discursos sobre o estádio nas edições do jornal, indo até a edição 6.384, que contempla a entrega do estádio à cidade.

Foi possível, assim, compreender a relações de influência e poder do respectivo veículo de comunicação, bem como de seus representantes com o poder público reverberado na sociedade, a fim de que pudessem movimentar a relação econômica e cultural-esportiva no Rio de Janeiro.

3 RESULTADOS

3.1 A ideia do Estádio Municipal: o debate

O *Colosso do Derby!* Assim foi chamado o Estádio Municipal construído onde antes era o hipódromo fluminense. Após seu soerguimento, a paisagem da cidade do Rio de Janeiro e também sua vida esportiva fora alterada de forma significativa. Entretanto, o estádio não surgiu no desenho urbano carioca do nada. Muitos foram os debates, políticos e financeiros em torno da sua construção. A existência de um “estádio nacional” – como descreviam os jornais da época, o *Jornal dos Sports* era um deles – passava por questões de ordem maior ao futebol. Sediar uma copa de futebol foi argumento primordial, mas o nacionalismo e o desenvolvimento econômico eram o pano de fundo para convencer sociedade civil e o poder político.

No centro do argumento político se encontrava a esperança e o otimismo econômico de um país que caminhava no processo mais acentuado de industrialização desde os anos 1930 e da ampliação das áreas urbanas, incentivando o êxodo de populações em direção às capitais e a cidades próximas a ela, mas incipientes de indústrias dos setores de mineração, metalurgia e siderurgia. A cultura do projeto também se mostrava forte e eficiente no convencimento das esferas do poder, tendo como principal defesa o agente civilizador⁵ que o esporte imprimiria à sociedade.

Portanto, uma discussão sobre a construção de um estádio no município do Rio de Janeiro ganhou ênfase nos setores jornalísticos, mas toda a discussão não passou imune à opinião pública. Indivíduos não ligados diretamente às esferas de poder foram convidados a opinar sobre a construção ou não do estádio. Moura (1998, p. 30) demonstra uma pesquisa do *Jornal dos Sports*, que dividiu os participantes em duas categorias, os “aficionados” – entrevistados em estádios de futebol -, e o “povo em geral”. Respectivamente, 95% e 75% dos entrevistados apoiavam a construção de um novo estádio no Distrito Federal. Moura também mostra que até mesmo uma pesquisa sobre a localidade da construção foi promovida. Para alguns, Carlos Lacerda (UDN), por exemplo – que a princípio se posicionou contrário –, havendo a construção, seria interessante abranger não só um estádio, mas um parque de eventos esportivos a ser localizado em Jacarepaguá. Outros afirmavam a importância da centralidade da construção, sendo o antigo *Derby Club* o local preferido, tanto por sua localização quanto pela resolução de problemas urbanos, como os constantes alagamentos da área. Opostos no espectro político, os comunistas do PCB (Partido Comunista Brasileiro) deram apoio a Ary Barroso, representante da UDN (União Democrática Nacional), mediante a construção de pequenos estádios nos subúrbios do Rio de Janeiro, principalmente em direção à Zona Norte. Pela importância e liderança que o Rio de Janeiro exercia no país, Mário Filho era favorável a um estádio que pudesse concorrer e até mesmo superar o estádio municipal paulista do Pacaembu. Na defesa dele, “se temos a cidade mais bonita do Brasil, com o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Lagoa e Copacabana, também vamos ter o monumento do futebol, o estádio do Maracanã.” (*Jornal dos Sports*, 17 de maio de 1950)

5 Elias (1994) demonstra que as sociedades passam por momentos de acentuação nos processos civilizatórios. Nesses momentos, ocorrem intensas buscas pelos mais diversos tipos de desenvolvimento, tanto nas esferas dos hábitos culturais quanto nas formas econômicas de determinados grupos e estamentos sociais. O esporte nos serve como exemplo do primeiro campo.

Os políticos cariocas logo se viram dobrados ao projeto para a construção de um novo estádio de futebol, agora, de proporções colossais. Parecia a muitos, uma obra faraônica e de impossível realização em um espaço tão curto de tempo diante de tamanha magnitude. Todavia, o capital simbólico na realização de um evento internacional, de um esporte de preferência massiva nacionalmente, superou as preocupações políticas e mesmo as financeiras. Com a construção do estádio municipal aprovada, custaria ao final Cr\$ 350 milhões. Para além dos preparativos do grande evento de 1950, se iniciava a proposta de um legado aos cariocas e ao Brasil – uma sociedade desenvolvida e civilizada a partir da iniciativa esportiva, como propagava o *Jornal dos Sports*. A população carioca se viu pronta a ter em mãos o maior estádio do mundo, além de sediar um grande evento esportivo em momento onde o Brasil caminhava na consolidação da identidade futebolística como um dos maiores símbolos da nossa nacionalidade⁶. Nesse sentido, foi notável o papel da mídia impressa esportiva, em particular. O JS fazia coro na construção do estádio como se fosse um bem a ser apropriado por cada indivíduo carioca. Um estádio do povo “nos dizeres de Mário Filho: ‘o estádio municipal será menos da prefeitura que do povo. É o povo que quer (...)’”. Todo esse coro começou a surgir nos editoriais do próprio ano de 1947. As manchetes ora ganhavam destaque na capa do jornal, ora existiam em pequenos comentários, mas todos com uma continuação nas páginas 4 ou 6. O leitor tanto podia simplesmente ler as capas ao passar por uma banca ou adquirir o exemplar e acompanhar o desenrolar das notícias, geralmente conclamando a participação da população na aprovação e andamento da obra, como também da compra de determinados espaços do futuro Estádio Municipal.

Na edição de número 5.576, de 23 outubro de 1947, a capa estampava em seu alto: “Na mesa da Câmara Municipal o substitutivo do projeto do estádio”, no mesmo quadro, o editorial reclamava a inércia da casa em discutir o *Projeto 161* no plenário, às vésperas do recesso dos vereadores. O respectivo projeto dava ao prefeito a autorização de construir o Estádio Municipal “em terreno que mais interesse [à] população” – como detalhado no Diário Oficial, de 26 de maio de 1948 –, seguindo os passos necessários, como um anteprojeto, abertura de licitações, etc. Contudo, ao que demonstra o editorial, houve um atraso significativo nos trâmites internos impetrado através de uma questão de “ação obstrucionista partida de quatro representantes cariocas – apenas quatro” (grifo nosso). O texto reflete um incomodo notável por parte do redator e, claro, do próprio jornal, ao mencionar que a ação foi feita por apenas quatro pessoas contra o que seria uma obra de toda uma sociedade. Continua dizendo, subjetivamente, que a ação parecia improcedente, “roubando assim precioso tempo para a realização do empreendimento”. Daí o texto parece convocar os vereadores a se movimentarem na discussão, “a fim de que seja aprovado ainda nesta legislatura o *Projeto 161*”. O substitutivo em questão visava separar as atribuições do Legislativo e do Executivo quanto a suas responsabilidades perante a realização da obra. Cabia ao prefeito dar autorização para o início, mas, aos vereadores, o aval primeiro ao Executivo. Nesse meio, surgiram boas divergências entre os membros da câmara, uma delas versava sobre a necessidade da reforma de outros espaços no entorno do terreno do *Derby Club*. Sete dias após, o editorial de capa estampava em letras garrafais “Agora, à grande obra!”. O jornal louvava os vereadores que se debruçaram sobre o projeto e fizeram dele prioridade nas suas jornadas de trabalho na casa:

desempenharam-se, afinal, os representantes cariocas, da importante tarefa que lhes havia sido cometida pelo povo brasileiro em geral (grifo nosso) de autorizarem ao Executivo da Capital da República erigir um grande Estádio e outras cinco praças esportivas nos subúrbios, atendendo assim, por esmagadora maioria ao insopitável movimento da opinião pública que se formara em torno do assunto (*Jornal dos Sports*, 30 de outubro de 1947).

Vale ressaltar que o discurso utilizado causa ênfase no leitor, ao perceber na escrita que a tarefa do Legislativo, quanto ao seu papel de aprovar e autorizar a construção, foi a eles outorgada pelo próprio “povo brasileiro” através de uma “opinião pública” que, além dos estádios, ansiava por outros locais de prática esportiva nos subúrbios. Lembramos que, em parte, essa era uma das reivindicações de vereadores, como Carlos

6 A temática da construção de uma nacionalidade capaz de ser representada a partir de símbolos, geralmente positivos, que remetam, ou ao menos apon-tem, para um tipo ideal de sujeitos e suas organizações coletivas – seus hábitos, comportamentos e dinâmicas do viver – é bastante ampla e complexa. Não seria possível explorá-la nesse espaço. Porém, ela é pano de fundo no período histórico por nós aqui apresentado. Sugerimos a leitura de Coutinho (2019) e Drummond (2014), para aprofundar as lacunas do texto presente.

Lacerda e Luiz Pinheiro Paes Leme (UDN). Ambos só se renderam ao projeto de construção após algumas cessões dos proponentes, mas exigiam contrapartidas e a construção de pequenos estádios nos subúrbios cariocas era uma delas. Paes Leme é citado, nesse mesmo editorial de 30 de março, no qual encontram-se valorizações tamanhas para com os desejos das camadas populares em ter um grande estádio e outros locais para a vida esportiva. O discurso do redator parece expor todo esse clamor e sentimento dos que esperavam pela aprovação. Segundo o texto, o vereador agiu bem, dando a

democrática demonstração de que bem sabe medir os anseios e aspirações de todas as camadas populares, que tendo no esporte o único derivativo para as agruras da vida atual, estavam sendo obstadas, todavia, de levarem avante, à sua própria custa tal iniciativa, pela obstinação de meia dúzia – este exatamente o número de vereadores que votaram contra o Estádio (*Jornal dos Sports*, 30 de outubro de 1947).

Ainda no número 5.581, na página 4, estava reservada a conclusão da matéria de capa. Um subtítulo deixava clara a intensa propaganda que o jornal vinha fazendo até o ápice do instante em que o projeto da construção foi aprovado. “Júbilo entre todas as camadas do povo” era o título que concluía a matéria. Segundo o jornal, após o passar da Câmara, muitas foram as “manifestações de júbilo” de “todas as camadas”, e que após aquele passo, o vindouro seria o alcance do montante financeiro para a obra. Interessante dizer que uma das frases que o jornal menciona é que a população deveria ter “esforços próprios”, juntamente a uma campanha do Executivo Municipal, para que a obra do Estádio fosse iniciada e concluída. Após o “júbilo” da aprovação, o *JS* continua intensamente o acompanhamento da situação.

Em 12 de novembro, aparece em destaque, na capa da edição 5.592, a expressão “*batalha do Estádio*”, que ainda seria utilizada em muitas outras edições, como se a construção do estádio fosse uma luta. Barbosa (2007 p.63) reporta “a dialética do fenômeno leitura inclui estratégias de persuasão desenvolvidas pelo autor para atingir seu leitor”. O *JS* encampa tal batalha a começar pelo seu discurso com termos fortes e imperativos. Mario Filho e sua equipe não pouparam esforços para disseminar a ideia positiva e viável de se ter um imenso estádio de futebol para os cariocas e para o Brasil, e como isso poderia melhorar não só a vida esportiva da cidade, mas também a própria qualidade do futebol. Voltando à edição acima, ela relata nada mais que o próximo passo dado após a aprovação da Câmara dos vereadores ao *Projeto 161* e seus adendos, que autorizava a prefeitura a construir o Estádio Municipal. “Tudo pronto para a ‘Batalha do Estádio’” assinalava que a assinatura do prefeito Mendes de Moraes ocorreria dali a dois dias. Em uma sexta-feira, 14 de novembro, às dezessete horas e trinta minutos na sede da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), que tratou de organizar uma grande solenidade para comemorar tal feito, foram “convidadas as altas autoridades do país e as mais representativas figuras do esporte assim como jornalistas e esportistas em geral”. A justificativa, segundo o *Jornal dos Sports*, para tal empenho da CBD em realizar um aparato festivo de grande porte, incluindo cobertura jornalística: por ser “importante [...] tal passo para os esportes nacionais” (grifo nosso), ou seja, recorria-se inclusive à justificativa do interesse e dos resultados no âmbito nacional, ao se ter um aparelho esportivo de ampla magnitude na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil. Além disso, a motivação maior se dava por, em menos de dois anos, ocorrer o maior evento de futebol existente até aquele momento.

3.2 Da ideia ao fato: defesa, construção e propaganda

As edições subsequentes do *Jornal dos Sports* trataram de todo o processo administrativo da construção e o acompanhamento das obras, que logo se iniciariam. Uma Comissão Executiva foi prontamente criada com membros das áreas política, administrativa e técnica e diretamente ligada e subordinada ao gabinete do prefeito Mendes de Moraes. A atividade da Comissão, presidida por Herculano de Gusmão, coronel próximo a Mendes de Moraes, era a de dar andamento em tempo hábil para a construção do Estádio Municipal. Uma das próximas etapas da “Batalha do Estádio”, como o editorial do *JS* fazia questão de mostrar, seria a abertura de um concurso para a escolha do anteprojeto de construção civil e engenharia, mas, enquanto isso, a preparação do terreno do *Derby Club* estava à beira do início, tanto que a edição de vinte e sete de novembro, anunciava “a mole de cimento que se erguerá até 1950 para abrigar as 160.000 pessoas que ali irão assistir à solene

abertura”, para dali a poucos dias, como sendo o “primeiro marco de alvenaria na Batalha do Estádio”. Parecia, portanto, se concretizar a “vitória final” no processo de construção do Estádio Municipal, tornando assim o “sonho”, “realidade objetiva”.

No editorial 5.621, de 16 de dezembro, surge no jornal a palavra *colosso*, para designar a magnitude da obra que se iniciara. Logo, a alcunha *Colosso do Derby* ganharia as páginas do *JS*, a ponto de ser esse o primeiro codinome do estádio. Parecia não ter havido, até o momento, obra que necessitasse de tantos cuidados técnicos, como aquela. “Algo de absolutamente inimaginável o que serão os cálculos de uma obra do porte do Estádio Municipal”, tanto que a Comissão Executiva de Estádios Municipais (CEEM) foi a responsável por arremeter e enviar, à Zona Norte do Rio de Janeiro, “os melhores calculistas do Brasil”. Tal Comissão estava ligada à autarquia ADEM⁷ (Administração do Estádios Municipais), “uma entidade autônoma, com administração própria”.

Dos últimos meses do ano de 1947, à maioria das edições de 1948, o incentivo na aquisição das cadeiras cativas por parte da população era imperativo pelo editorial do *JS*. “Qualquer torcedor poderá adquirir sua cadeira cativa” foi a página estampada em 27 de dezembro de 1947, mencionando ainda que a “facilitada aquisição” das cadeiras cativas poderia ocorrer a partir de 1º de janeiro de 1948, em até “vinte prestações mensais”. Para tanto, bastava ao interessado remeter uma carta ao Departamento de Tesouro, indicando os dados pessoais e a forma de pagamento.

Durante o ano de 1948, as matérias trataram da evolução da obra, muitas ainda no plano burocrático; outras, no tratamento do terreno do *Derby*; e a maioria, da campanha das cadeiras cativas. O *JS* assumiu a postura e até um compromisso implícito de fazer a venda das cadeiras. Para isso, foram formados “Comandos” de visita a estabelecimentos comerciais, programas radiofônicos e outros locais onde possíveis interessados poderiam adquirir seus locais cativos nas futuras instalações. Até mesmo o prefeito de São Paulo, em visita ao Rio de Janeiro, tratou de se inscrever em duas cadeiras, deixando ali a quantia de Cr\$ 10.000,00, aderindo à campanha na sede do *JS*. Segundo a edição de 9 de março de 1948, o prefeito paulista, Paulo Lauro, ainda explanou sobre a importância da construção do Estádio Municipal na capital da República. A adesão de figuras públicas se fazia de extrema importância para o êxito na propaganda do jornal e o estímulo da população na aquisição das cadeiras cativas.

Saltando para o ano de 1949, o Estádio Municipal começa a ganhar “corpo”. Já com as fundações e alguns lances baixos de arquivancadas, além de um trecho do que viria ser a *geral*, uma foto panorâmica fora publicada na primeira edição do *JS*, de 1949, especial de 10 páginas (nº 5.940), lembrando que, segundo o jornal, as maiores e melhores construtoras do país estavam ali comprometidas com o andamento da obra. Há no texto daquela edição um grande otimismo quanto à conclusão da obra antes do tempo previsto para a disputa do “Campeonato Mundial”, bem como da “*Coupe Jules Rimet*”. As visitas de personalidades políticas e jornalísticas se faziam constantes: João Lyra Filho, então presidente da CND; e à frente da organização das obras, José Lins do Rego, que à época se ocupava das crônicas esportivas; e o Diretor do *Jornal dos Sports*, Mário Filho, por exemplo, faziam toda questão de estar presentes, visualizando a empreitada. Mário Filho relata, na edição 5.943, que, após uma visita espontânea, João Lyra havia saído maravilhado com o que vira. “O Estádio Municipal e sua personalidade de praça de esportes moderna” é concretizado em cada editorial como a realidade da capital da República.

A edição nº 5.987, do dia 26 de fevereiro, mencionava que, em breve, os “155.000 espectadores comodamente se instalarão nos degraus colossais do maior Estádio do Mundo”. O sonho do Estádio Municipal estava à frente dos olhos daqueles que apostaram na sua realização e da população carioca. Contudo, a promessa

7 Instituída entre 1947-48, por Mendes de Moraes, dava os pareceres sobre do Estádio Municipal. Era uma autarquia com determinados poderes administrativos e de decisão próprios. Foi ela quem determinou os valores das cadeiras numeradas que seriam vendidas posteriormente à população.

da construção de outras praças esportivas nos subúrbios não havia sequer começado e, até então, o JS não mencionara mais em suas páginas tal problema.

Em dezembro do mesmo ano, o JS saudava o prefeito Angelo Mendes de Moraes com dupla felicitação. A primeira por ocasião de seu aniversário, no dia 17, a segunda

à decisão, à audácia e tirocinio do prefeito a realização do gigante do *Derby*, sem o qual não apresentaria o Brasil a oportunidade – que só se tem de século em século – de promover a “*Copa do Mundo*”, uma assembleia universal da comunidade atlética (JS 17 de dezembro de 1949).

O ano de 1950 iniciava com o JS remetendo ao sucesso da construção do Estádio Municipal e à venda das cadeiras cativas e ao insucesso de “certos indivíduos acobertados por certos jornais” que não descansam em sua atividade subterrânea e impatriótica, que desde os primeiros instantes combateram a iniciativa da construção do Estádio Municipal pela Prefeitura visando interesses subalternos de uma empresa que pretendia construir uma praça de esportes na zona suburbana a fim de valorizar seus terrenos (JS, 01 de janeiro de 1950).

Dentre essas disputas citadas pelo jornal, aparece a da especulação imobiliária. Sem dizer qual veículo produzia determinadas informações que pretendiam desqualificar a construção do estádio, o JS abria seus espaços para uma espécie de denúncia das estratégias de alguns dos seus oponentes. O jornal avaliava de maneira assertiva que o Estádio Municipal viria “para enriquecer o patrimônio artístico da cidade”, além de sua “*feição e características eminentemente populares*” (grifo nosso) e que ele seria “por estes séculos afora o orgulho de várias gerações brasileiras e a admiração de todo o mundo”. Foi o Estádio Municipal um projeto de cidade e de vivência na cidade. Se o Rio de Janeiro já vivenciava uma vida esportiva de grande intensidade, isso foi exponencialmente elevado com a presença do Estádio Municipal e a aglomeração das multidões, no tocante às suas vivências e interações sociais.

No mês de janeiro de 1950, o Estádio Municipal já possuía um gramado e as marquises superiores começavam a serem construídas. Então, primeiro “test” com “carga viva” foi realizado. Cerca de três mil operários da própria obra realizaram movimentos com intensa trepidação, a fim de os engenheiros conseguirem avaliar o comportamento das estruturas em relação à movimentação nos setores. Segundo o jornal, o teste foi intensamente esperado, pois daria o parecer sobre a qualidade da obra. Os resultados foram publicados na edição de 13 de janeiro. A capa do jornal trazia mais imagens das obras em estádio avançado, além da descrição de como ocorreu o teste. Mas o destaque ficou por conta da imagem de Mário Filho dentro do estádio, observando a realização do teste e da palavra “*blitzkrieg*” em destaque evidente, uma guerra relâmpago anunciada pelo JS para a conclusão das obras, já que o jornal previa para dali a cem dias, com arquibancadas, gramado e marquises prontas e “a despeito dos derrotistas o Estádio Municipal estará pronto para os jogos da Copa do Mundo”. Após o teste nas arquibancadas, os mesmos funcionários da obra foram para o gramado fazer o outro teste. Três mil homens em campo correndo atrás de uma bola, “empenharam-se em animado prélio, desprezando até a chamada da sineta que anunciava o pagamento”, retratava o *Correio da Manhã*, em edição de 13 de janeiro.

A edição de 6.270, de 28 de janeiro de 1950, já dava uma data para a inauguração do Estádio Municipal: dia 25 de maio. Em pouco menos de quatro meses, o estádio deveria ser entregue à cidade e a edição seguinte, do dia 29, mostrava ainda as estruturas de sustentação do que viriam a ser uma das maiores marcas de identificação do *Colosso do Derby*, a marquise do Estádio. Foram várias as imagens feitas das mais “ilustres” personalidades políticas e esportivas. Em quase todas, a presença de Mário Filho era certa. Ao lado do prefeito, engenheiros, chefes de construção, outros jornalistas... em cada oportunidade o diretor do JS se fazia notar. E, quanto mais se aproximava a conclusão das obras do Estádio Municipal e a chegada do Campeonato Mundial, mais o jornalista era presente tanto nas matérias quanto nas fotografias das obras. Em 26 de março – edição 6.316 – uma foto feita por um avião mostrava aos leitores uma “magnífica visão do Estádio Municipal” já com

boa parte da marquise instalada, arquibancadas construídas e uma grande obra ao redor. Com um editorial que chamava a atenção para o local onde seria disputada a Copa do Mundo, “o maior certame de *football* de todos os tempos”, o JS finalizava pontuando o que faltava ainda da obra do “gigante do *Derby Club*” e reafirmando que, dentro de pouco tempo, ela seria concluída “diante da dedicação que os operários [acatavam] a obra”; uma “obra da engenharia patricícia, que constitue verdadeiro orgulho para todos os brasileiros.” [sic]

“A mais impressionante fotografia do *Derby*” surgia na capa do JS em pleno abril (edição 6.326, 7 de abril de 1950) em foto de Angelo Gomes – fotógrafo oficial do jornal. O que se via era uma imagem aérea do Estádio Municipal, com grande parte das placas de concreto que formariam as marquises, já colocadas. Como a imagem foi feita de maneira aberta, flagra-se os arredores do estádio, para além das obras também no entorno. As casas ainda baixas, a linha férrea da Central do Brasil e a avenida Maracanã marcavam a “obra magnífica, para o presente e para a posteridade”. A imagem fora encomendada pelo JS e programada para ser feita em horário específico. Às 16h15, segundo o jornal, “no horário previsto” de início dos jogos. O jornal faz menção à posição que o sol chega ao estádio nesse turno, de modo a

não perturbar a visão dos jogadores e dos torcedores. Dessa maneira a obra esportiva que serviu para consagrar a administração do General Angelo à frente dos destinos da Metrópole (grifo nosso), oferece aí um aspecto de arte e beleza conjugadas. E assim o desporto brasileiro fica possuindo a maior praça de esportes do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inauguração do Estádio ocorreu na sexta-feira, 16 de junho de 1950, com grande cobertura da imprensa. A capa da edição de número 6.384, saída poucas horas antes, era totalmente dedicada ao evento, que se iniciaria às 9h, “com a chegada de S. Excia. o Senhor Presidente da República e corte da fita simbólica no portão da avenida Maracanã”. O título “entrega do maior estádio do mundo ao povo! O Colosso!” vinha acompanhado de várias charges bem-humoradas e satíricas em relação ao estádio – “a Copa do Mundo será no Brasil. Só se for no quintal lá de casa”, conversavam, dois personagens. Mario Filho, além de fotografado, foi representado como um soldado, de arma em punho e charuto na boca, em meio aos estampidos de bombas e a legenda “o primeiro soldado da Batalha do Estádio”, bem como a foto de um “operário brasileiro [que] demonstrou o valor da sua cooperação.” Este era apontado por um personagem saído de dentro do estádio, portando um violão na mão direita e exclamando: “e neste estádio haveremos de ser campeões do mundo”, além da foto de uma parte do Estádio mostrando arquibancadas, geral e um pedaço da obra ainda a ser realizada. Por toda a edição, notícias e matérias especiais demonstravam de alguma maneira um determinado aspecto do Estádio Municipal. Uma coluna assinada pelo engenheiro Mario Bacellar Rodrigues, um dos responsáveis pela obra, ressaltava a “vitória do povo brasileiro [...] de dotar sua Capital com um estádio condigno com sua categoria de uma das mais belas cidades do mundo”. A famosa coluna “Bolas na Lagoa”, escrita por Pedro Nunes, sob o título de “O soldado conhecido”, classificava o periódico como uma “barricada” pela construção do estádio. Também rendia muitas homenagens a Mário Filho, mencionando-o, assim como a ilustração presente na capa da respectiva edição, como um soldado, “mais operoso dos obreiros do gigante que hoje se ergue majestoso no Maracanã, realização que impulsiona cem anos de desenvolvimento na vida esportiva da nação”. Por fim, a edição dedicava, em sua página 6, um histórico de todo o processo de construção do Estádio, desde a tramitação dos processos burocráticos e políticos na Câmara dos Vereadores, a construção iniciada em agosto de 1948, até aquele dia da entrega do Estádio Municipal, além dos esforços e das descrenças no processo. A reportagem também afirmava o compromisso do JS: o de lutar pelo estádio e a

cada nova etapa iniciada era sempre comemorada com grande júbilo pelo JORNAL DOS SPORTS, que assim manifestava a intensa alegria que ia se apoderando de todo o povo do Rio, de todo o povo brasileiro, à medida que iam sendo vencidas as etapas da construção.

Mas a “cereja do bolo” da edição que encerrava um empenho histórico na campanha de construção do Estádio Municipal foi o artigo escrito pelo próprio Mário Filho, na página 9. O jornalista brinda o encerramento da *Batalha do Estádio*.

Venho esperando o dia de hoje há um bocado de tempo. O dia de hoje, a princípio, não tinha data. Não era propriamente um dia, era uma visão. Eu via o estádio pronto: bastava fechar os olhos para vê-lo [...]. Eu não via o dia, via o estádio. [...] O estádio é um milagre, um milagre na expressão mais pura porque é obra de fé [...]. É uma massa de ferro e cimento que desafia o tempo. Honrando o trabalho do homem. No caso, o homem brasileiro [...]. Eu me orgulho de ter acreditado no estádio, de ter lutado por ele, mas me orgulho também de ser brasileiro. Foi o brasileiro que realizou esta obra que nas palavras do engenheiro Barassi, *honra a humanidade* (grifo nosso).

Assim, o texto de Mario Filho expressava um sentimentalismo para com o estádio na expectativa de ver realizada a grande obra pela qual se empenhou, diante de políticos e autoridades à população carioca. Também lembrava que, durante a “Batalha do Estádio”, houve várias subbatalhas, “a batalha dos projetos”, se referindo aos projetos arquitetônicos para a viabilidade financeira e de espaço da obra; “a batalha do terreno” – onde construir o Estádio Municipal? e por que construí-lo?; “a batalha do dinheiro”, em que, a princípio, as verbas não poderiam sair totalmente dos cofres do município e, após toda a campanha de financiamento “popular” do estádio e do comprometimento da esfera federal, a maior parte dos investimentos ficaram, inevitavelmente, para o Executivo municipal, com cerca de 80% do valor empregado. Dizia Mario Filho que 1948 não era um dos momentos mais propícios para a construção do Estádio Municipal. Para ele, “em quarenta e um era mais fácil que em quarenta e cinco e em quarenta e cinco era mais fácil que quarenta e oito”. Ainda assim, àquele momento, mesmo com recursos escassos e a necessidade de se fazer extensas campanhas de apoio à construção, na qual “escrevia o mínimo de dois artigos por dia a favor do estádio”, não haveria de desacreditar naquilo que era “a maior obra do povo brasileiro”. “Todos que o precederam na Batalha do Estádio aceitavam o menor pretexto para o recuo.”

No dia seguinte, 17 de junho, o “batismo do estádio” ficou por conta do enfrentamento entre paulistas e cariocas, com ingressos disponíveis ao público geral. O selecionado paulista venceu os cariocas pelo placar de 3x1, sendo este o primeiro jogo no campo do Estádio Municipal. Mas o espetáculo, em primeiro lugar, foi retratado na edição de 6.386, de 18 de junho, do *JS*, a primeira vez que o Estádio Municipal recebeu um público “do seu tamanho”. Cerca de 150.000 espectadores, “em romarias intermináveis dentro e fora”, foram conhecer o estádio e acompanhar paulistas contra cariocas, por entre restos de madeiramento e restos de obra que ainda se encontravam nas arquibancadas e como sustentação das marquises. A capa trazia a chamada “Sem precedentes, na vida esportiva do país, a abertura dos portões do gigante do Maracanã (grifo nosso). A cidade invadiu o estádio!”

Após as análises das reportagens, concluímos que a figura de Mario Rodrigues Filho se tornou uma com a de seu veículo comunicativo, o *Jornal dos Sports*. O capital simbólico de um retroalimentou o outro. Mario Filho investiu o seu “ser social” (Bourdieu, 2010, p. 124) a ponto de movimentar uma cultura esportiva e futebolística – *strictu sensu* – na cidade do Rio de Janeiro, capaz de fazer movimentar o poder econômico de uma época e o cultural por décadas, pois foi a partir da construção do *Colosso do Derby* que as massas torcedoras ganharam um lugar para chamar de seu. Por outro lado, o *JS*, durante a “Batalha do Estádio”, assumiu para quem torcia, desprezando, assim, o contraditório, não havendo matérias relevantes sobre as posturas políticas que faziam ressalvas à construção e aos possíveis danos ao projeto urbanístico da cidade. Como dois personagens principais dessa trama histórica, o *JS* e Mario Filho figuram como dois importantes nomes de nossas páginas esportivas.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- Bourdieu, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- Buarque de Hollanda, Bernardo. **O clube como vontade e representação**. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.
- Costa, Maurício da Silva Drumond da. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: Silva, Francisco Carlos Teixeira da (Org.) **Memória social dos esportes**. Futebol e política: a construção de uma Identidade Nacional. Vol. 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- Coutinho, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior**. O clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955). 2.ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.
- Drummond, Mauricio. **Estado Novo e esporte**. A política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1940-1945). Rio de Janeiro: 7letras, 2014.
- Elias, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Diffel, 1992.
- Elias, Norbert. **O processo civilizador**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.1.
- Gramsci, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- Hobsbawm, Eric. A invenção das tradições e A produção em massa das tradições. In: HOBBSAWM, Eric. (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- Jesus, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos históricos**. n. 23, v. 13, 1999.
- Leopoldi, Maria Antonieta P. A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945): a política econômica em tempos de turbulência. In: Ferreira, Jorge (Org.). **O Brasil republicano**. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Vol. 2 . 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007
- Melo, Victor de. A cidade “sportiva”: os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 2007, ano 168, n. 435. pp. 135-160.
- Moura, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000
- Rodrigues Filho, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- Weber, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 1991. v. 1.